



A

HERDEIRA

DE
KALON



Vera Barbosa



Título Original: A Herdeira de Kalon

Autora: Vera Barbosa

Copyright © Vera Barbosa

Copyright © Nova Geração

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Revisão: Catarina Alves/Mariana Félix

Edição: Tânia Roberto

Design Interior/Diagramação: Tânia Roberto

Design de Capa: Tânia Roberto

Imagem de Capa: Fotografia de Vera Barbosa

Elementos de Capa: Canva

1ª Edição: abril de 2024

Acabamento/Impressão: Gráficas Ulzama

© 2024

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

Depósito Legal: 530114/24

ISBN: 978-940-3739-33-5

NG
Nova Geração
Editora

*Para a minha irmã Cláudia, a primeira aliumi, e para aqueles
que estão prestes a tornar-se aliumis.*

Nota de Autora

O Porto de 1997 aqui representado foi baseado em muita pesquisa, mas poderá haver falhas. Gostaria de reforçar que se trata de uma história de ficção, na qual a realidade e a imaginação se cruzam. Tentei trazer detalhes que existiram, alguns ainda existem, enquanto explorava este universo fantástico. Alium existe para aqueles que acreditam nele. O Porto existe para todos, mesmo que esteja contado de outra forma.

Também as línguas mencionadas, em especial, o latim, poderá não corresponder ao seu significado. Durante a minha pesquisa, foram surgindo diferentes significados para as mesmas frases ou palavras; no entanto, decidi manter porque é uma parte fundamental da criação de Alium, como irão descobrir ao longo da história.

Alium abriu-se para vocês com Kalon, mas no próximo volume, aguarda-vos uma nova missão. Espero ver-vos lá.

Por enquanto, resta-me dar-vos as boas-vindas, aliumis. E prometo que as aventuras valerão a pena serem vívidas.

Aviso de Gatilho

Violência Gráfica, morte e preconceito



Temos de a Encontrar



Setembro, 1997

Dezassete anos depois e ainda me recordo daquela noite. Corria rodeado pelas minhas gargalhadas, enquanto não chegava ao meu esconderijo favorito. Nunca fui bom em nenhum tipo de exercício físico, e costumavam dar-me mais tempo para chegar até lá. O meu pai contava lentamente até dez. Ao meu redor, tudo parecia calmo e pausado. Atrás da cortina da sala onde costumávamos reunir para celebrar as refeições, encostava-me à parede. Sempre fui muito magro, pelo que não precisava de me esforçar para não tocar nas cortinas. Com um sorriso infantil nos lábios, espreitava; ele ainda ia demorar. E eu perdia-me a vislumbrar o mural enquanto ele não chegava.

Naquela noite, ele não me veio procurar.

Naquela noite, não voltei para o meu quarto.

Até que...

— *Caleb. — Uma mão manchada de um azul-escuro surge entre as cortinas. — Vem cá, não te faço mal...*

Caleb despertou da sua memória e voltou para o seu livro como se nunca se tivesse perdido com o passado. Aquele dia aparecia, por vezes, sem que ele o pudesse perceber. Caleb nunca deixava que esta memória se prolongasse. Os seus olhos percorreram o salão onde se encontrava. Este era iluminado pelos candeeiros de parede em formato de cabeça de dragão banhado a ouro; as lâmpadas douradas encaixavam nas bocas abertas destes animais místicos.

O castelo de Kalon ficava longe do centro do reino e na escarpa das montanhas com o Reino de Viridi. As paredes grossas, como uma fortaleza, mantinham qualquer som afastado. Kalon era conhecido por o reino da vingança. Viviam-se tempos de guerra e poucos se atreviam a chamar-lhe de casa. No entanto, Caleb considerava-o o seu lar. Ele lia sentado nas escadas que davam acesso ao trono dourado, com detalhes de cabeça de dragão nos braços e forrado por tecido de veludo vermelho-escuro que cobria o assento e as costas. A seu lado, repousavam três livros oferecidos pelo padrinho, que o acolheu após a tragédia.

Com as pernas junto ao peito, Caleb apoiava o livro pesado e a página em que parara continha *Alium* escrito no topo. *Alium* era um mundo pequeno no grande planeta Terra: um arquipélago composto por três ilhas. Era um lugar reservado a seres com aparência humana, cujo sangue os tornava diferentes.

Um mundo pequeno e fácil de viajar, mas Caleb só o conhecia através dos livros. Cresceu a ouvir histórias sobre nugacitys — humanos —, e aliumis — humanos com poderes —, mas a sua realidade resumia-se a Kalon, onde morava. Os aliumis com quem se dava eram cavaleiros negros, que também era a sua espécie.

Os cavaleiros negros habitavam Neliz, um arquipélago mais pequeno, mas ele e mais dois amigos faziam parte da pequena comunidade de cavaleiros negros em Kalon. Havia mais dois cavaleiros negros: o seu padrinho e o seu professor, e amigo de longa data do padrinho, Will. Ser um cavaleiro negro em Kalon não era bom, mas sob a proteção do seu padrinho, não havia ninguém que se atrevesse a insultá-los.

Para Caleb, ficar restrito a apenas um lugar era uma prisão; no entanto, os livros permitiam-no viajar para longe e descobrir segredos que a sua condição social não permitia. Estava perdido nas páginas do livro, tal como sempre acontecia, que nem se apercebeu de um homem a atravessar o salão na sua direção.

— Parabéns, rapaz! — felicitou Will. Caleb levantou os olhos na direção do professor que lhe ensinou como ser um cavaleiro negro quando ele e os amigos eram pequenos e sorriu.

— Obrigado! — Voltou a atenção para o livro. Caleb continuava a ser magro como em criança, e a sua pele fina era quase translúcida. O cabelo castanho-claro, longo e fino, cobria os traços bem marcados do seu rosto.

— Os outros? — Will puxou conversa. Era baixo e vestia o uniforme preto de cavaleiro. A couraça por cima do uniforme continha detalhes esculpidos a azul. A imagem da cobra espetava os dentes no ombro direito, enquanto o corpo do animal passava entre o braço esquerdo e a região lombar, terminando no ombro direito e completando um círculo. Nas costas, um escudo cinzelado em forma de triângulo estava por baixo da cobra com a frase *Ars Curandi*¹ escrito em safiras. Era o uniforme militar da Ordem dos Cavaleiros Negros Sanitatem, a que Will pertencia.

— No Porto — respondeu Caleb com os olhos fixos no livro.

Will reparou nos livros. Os seus olhos passaram pelos títulos. De cima para baixo leu: *A linhagem de Kalon*, *O que é um Abscondam?* e *O Reino de Kalon*.

— Foi o Mike que tos ofereceu? — Caleb assentiu. Will olhou para o livro que Caleb lia, *A História de Alium*, e suspirou longamente.

— Também não sei porque os escolheu — Caleb respondeu como se lesse

¹ «Ars Curandi»: traduz-se do latim para «A Arte de Curar».

os pensamentos do professor. Fechou o livro e pousou-o no topo da pilha. Will encarou-o surpreso por estarem a pensar no mesmo. — Mas o Mike sabe como alimentar a minha curiosidade de Abscondam.

— Não há nada que não descubras. — Will fez um sorriso amarelo e reparou na roupa de Caleb. — Vais para o Reino dos Nugacitys?

Caleb vestia uma camisola de gola alta por baixo da camisa de manga longa num padrão de folhas verdes. Se se atrevesse a usar uma *t-shirt* sofreria queimaduras profundas, a sua pele era muito delicada. Também usava um chapéu para se proteger ao máximo.

— Preciso de conversar com eles. — Fez uma pausa enquanto guardava os livros na mochila. O fecho cortou o ar. — E tenho de falar especialmente com o Alex.

— Cuidado, rapaz — aconselhou Will num tom ansioso.

— Algum dia, o Alex tem de voltar. — Caleb colocou a mochila nas costas. — O Mike falou-me da missão.

— As novas provas sobre a herdeira são mais confiáveis. — Will coçou a cabeça, preocupado.

— Se o Mike acredita nelas, eu também. — Caleb desceu as escadas, parando ao lado de Will. — Está na hora de crescermos, fomos treinados para esta missão. — Olhou para Will. — Não podes continuar a proteger-nos do que temos de fazer.

Will ficou parado enquanto Caleb atravessava o salão e desaparecia numa linha fina no corredor sem luz, escondido para lá da cortina vermelha.



Desgosto de Verão



Cansada de se virar de um lado para o outro na cama, Maria decidiu visitar o pai. Escolheu um vestido verde coberto de flores pequeninas e amorosas que lhe tocava nos joelhos. Junto ao pescoço, a gola *Peter Pan*, aconchegava-a.

Verde para ir ao cemitério?

Era esperado vê-la de preto, mas Maria não estava preocupada com a opinião de terceiros. Penteou o cabelo; as repas escondiam-lhe os olhos verde-esmeralda. Desceu as escadas, olhou para o bengaleiro e, pela ausência da mochila da mãe, percebeu que ela já não se encontrava em casa.

A rua do Barão de São Cosme ainda se encontrava adormecida. Maria ia atenta aos seus pensamentos quando o arrulhar de uma pomba, a avisar da sua presença diante dos seus pés, a fez parar e olhar adiante. No topo da escadaria erguia-se a igreja de Bonfim. O corpo central, ladeado por duas torres sineiras e construído em linhas clássicas, era coroado com um frontão triangular comum às construções religiosas do século XIX.

Levou a mão ao peito e manteve a atenção na figura erguida no topo do frontão: a personificação da Fé. Inalou e fechou os olhos. Não era a pessoa mais religiosa, mas Annie tinha-lhe incentivado a rezar para que a alma do pai encontrasse paz. Apesar de visitar o pai com frequência, as suas visitas eram rápidas para que as emoções não a vencessem. As palavras entaladas na garganta desencadearam as insónias, mas chegara o momento. Sentia que estava preparada para falar. Teria de enfrentar o seu desgosto de verão.

Subiu a rua íngreme à esquerda, paralela ao muro alto que escondia os terrenos do cemitério. Os degraus antes da entrada desenhavam um semicírculo, e o portão em ferro, ladeado por uma estrutura em pedra, terminava no frontão triangular. A partir daquela passagem, não se encontraria mais em território mundano, mas em solo sagrado, onde os mortos descansavam. Os pés não se moveram, como se estivesse a proteger-se do perigo.

Não há nada a temer. Encorajou-se a continuar. Subiu as escadas e parou junto do portal.

— Piso um, número trinta — repetia, para não se deixar dominar pelas emoções.

Encheu os pulmões de ar e soltou-o pela boca, em seguida. A dor no estômago atingiu-a. Era ali que os avós e o pai descansavam. Por muito que os seus instintos lhe dissessem para fugir, ela continuou e continuou... Até que, ao ler o nome do pai na lápide, não aguentou mais. Ajoelhou-se em frente à sepultura com o cabelo a cobrir-lhe o rosto molhado pelas lágrimas.

Era o nome do pai. A fotografia do pai.

Como me pudeste abandonar? Como te atreves a partir sem te despedires?
Queria gritar, queria bater no mármore; abrir a sepultura e obrigá-lo a sair. Devia-lhe uma explicação. Ele devia tê-la deixado ajudá-lo em vez de ter partido.

Abandonaste a tua família.

Pensar no assunto deixava-a ainda mais zangada.

Como vou viver sem os teus conselhos? Como devo ajudar a mãe? Foste um covarde!

Maria sentiu um toque frio no ombro e ergueu o olhar.

— Vais ficar bem. — Caleb agachou-se para ficarem ao mesmo nível. Pousou o ramo de lírios brancos que trazia com ele.



— Maria, Maria...

Maria abriu os olhos, vendo a sala de aula ainda desfocada. Tinha adormecido enquanto esperava por Annie, que agora a abanava, numa sacudidela fraca que parecia embalá-la. Maria esfregou os olhos enquanto o seu verão lhe passava como um filme. Dois meses tinham passado desde a morte do pai.

— Esperei por ti no sítio do costume. — Annie sentou-se na cadeira à esquerda de Maria. Da sua mochila, tirou o caderno rosa com margaridas desenhadas. — A Sabrina ficou preocupadíssima contigo. — Suspirou, percebendo o estado lastimável da amiga. — Foste visitar o teu pai? — murmurou.

Maria desviou o olhar, não queria que as amigas se preocupassem tanto com ela. Era forte e ia lidar com a situação sozinha. Aproveitou a entrada de Oliver e Tai na sala para desviar a atenção da amiga com o que eles diziam.

— Será que está tudo bem com a Sirena? — perguntava Oliver a Tai. — Ela nunca se atrasa.

— De certeza que só está a colocar mais um quilo de base — garantiu Tai.

Oliver tirou uma alça, depois a outra, e pousou a mochila na sua mesa. Maria virou-se para Annie.

— Não esperaste pelo Oliver?

— Sem ti não seria capaz de falar com ele — lamentou Annie, num tom calmo.

Annie nutria uma paixão de longa data por Oliver, mas, no ano passado, viu as suas chances desaparecerem quando Sirena se mudou para o Porto, em meados de outubro. Ela sabia que não conseguia competir com a beleza de Sirena: de lábios carnudos, com o cabelo ruivo-escuro pelos ombros, muitas vezes confundido com vermelho, por ter madeixas naturais mais escuras; e com um físico invejável. Tudo no sítio, como diziam os rapazes da turma. Para Oliver, não havia

beleza que se igualasse à dela, conforme ele referia sem se cansar. Annie não deixava de se lamentar por o ver enfeitado. Sabrina tinha-a avisado de que existiam sereias disfarçadas de humanos a morar entre elas. Uma história sem fundamentos, como Annie sabia bem, mas Sirena tinha qualquer coisa que cativava os rapazes, e isso irritava-a.

— Desculpa! — Maria deitou o rosto sobre a mesa, sentindo-se culpada.

Oliver continuava a falar, mas Tai já não o ouvia. Agora olhava para Annie e Maria. Escondeu a mão no bolso e fechou os olhos.

— Ela está a sofrer.

— Quem? — perguntou Oliver, parando de falar de Sirena.

Tai abriu os olhos e fitou Maria com um peso no coração.

— A Maria. Ela está de luto.

Oliver puxou-o para si.

— Usaste a tua pedra? — reprimiu num tom baixo. — E se alguém te visse?

— Estamos rodeados de nugas, não de bruxos ou prudens — brincou Tai. Tinha ombros largos e cabelo encaracolado num tom ruivo escuro. — Vou falar com elas. — Sorriu assim que elas o viram a aproximar. — Olá, meninas. — Depois falou para Maria num tom triste. — Lamento a tua perda.

— Como soubeste? — A pergunta escapou da boca de Maria, mas, de relance, um nome surgiu-lhe em pensamentos. — Pois, o Caleb...

Tai afirmou com um aceno. Adorava quando as pessoas tiravam as suas conclusões e ele não tinha de inventar uma desculpa. Ela ter pensado no Caleb era a cereja no topo do bolo.

— Como foram as férias? — Tai dirigiu-se a Annie para mudar de assunto.

Annie abriu a boca para responder quando a conversa foi interrompida pelo grito de Oliver, seguido de um estrondo.

— Sirena! — Oliver tinha-se levantado tão rápido que a sua cadeira caiu. Sirena desaprovava-o, e ele sorria, acanhado. — Estava preocupado contigo.

— Não havia razão para isso — disse Sirena num tom ríspido. Seguida por Nádia e Isabel, sentou-se no seu lugar, atrás de Annie.

Maria deitou a cabeça sobre os braços e ignorou o burburinho que aumentava à sua volta. A sua noite tinha sido longa, as insónias estavam de volta e o regresso do ano escolar não ajudava. Annie examinava-a. Reparou que a amiga estava mais magra, com um aspeto terrível. Porém, não iria partilhar a sua observação. Maria já tinha demasiadas preocupações e ela estava ali para a apoiar.

— Ele continua caidinho pela Sirena — murmurou, tentando que Maria pensasse noutra coisa.

— O Oliver nunca vai aprender.



Reunidos



Caleb parou em frente do portão do Liceu Herculano. Ele sentia-se quente, mas teria de aguentar para evitar queimaduras profundas na sua pele. Encostou-se ao muro, à sombra, e esperou. Não tinha a certeza de encontrar a pessoa que procurava, mas se ele tivesse ganho juízo, apareceria.

Enquanto aguardava, Caleb perdeu-se na sua preocupação. Ele era um cavaleiro negro, tal como os seus amigos. Todos juraram lealdade ao cavaleiro negro que conquistou Kalon, um reino que não lhes pertencia. Há dezassete anos que viviam em clima de guerra fria com os outros reinos e numa guerra civil com os verdadeiros cidadãos de Kalon. As ameaças chegavam de Lumina, o reino principal de Alium, mas não passavam de ameaças. Sem as Protetoras de Daira ou um herdeiro ao trono de Kalon, não havia pelo que lutarem.

Era preciso encontrar a Herdeira de Kalon. Até àquele dia, ninguém sabia se ela existia mesmo, mas a urgência na voz de Mike foi o suficiente para Caleb perceber que algo tinha mudado. Perguntava-se se o padrinho tinha pistas mais fiáveis sobre a herdeira ou se as protetoras tinham sido escolhidas.

A moto ruidosa parou à sua frente. O condutor apoiou o pé no chão e Caleb olhou-o sério, vendo o seu reflexo espelhado no vidro do capacete. O condutor puxou o descanso, deu uma volta à chave para desligar o motor e tirou o capacete. De seguida, tirou a luva e passou os dedos no rosto para arrumar o cabelo que estava colado ao rosto.

— Pelo Porto? Não é engano?

— Olá, Alex — disse Caleb num tom seco. — Precisamos de conversar.

Alex riu, encostando-se à moto, e do casaco de cabedal tirou um cigarro e o isqueiro. Acendeu o cigarro e deu uma passa, expelindo o fumo pelo nariz.

— Antes de qualquer sermão, parabéns. É hoje, certo?

— Sim, é.

— Devíamos festejar. — Alex deu mais uma passa. — O que me dizes de logo irmos à festa, no bar do Tiago?

— O teu irmão quer que voltes — disse Caleb, de rompante. — Temos uma missão para cumprir.

Alex caminhou até ao portão da escola, olhando para o interior. Já não visitava Mike desde o início das férias de verão e, para poder justificar a sua ausência, aceitou trabalhar no bar de Tiago.

— Diz ao meu irmão que não quero envolver-me em mais *stresses* com os cavaleiros negros.

— Não se trata disso — respondeu Caleb, calmamente.

Alex olhou com curiosidade para Caleb.

— Não?

— Não! — garantiu Caleb. — Temos de encontrar a Herdeira de Kalon.

— Pensei que o assunto já estava encerrado.

Encostados à fachada da escola a apreciar o sol no rosto, como um gato numa janela solarenga, Tai e Diogo aproveitavam a pausa de almoço para descansar. Diogo, que olhava em volta à procura de Isabel, cruzou o seu olhar com a entrada da escola e reconheceu Caleb.

— Mano, aquele não é o Caleb?

Tai espreguiçou-se e olhou na direção do dedo de Diogo. Caleb e Alex pareciam discutir. Escondeu a mão no bolso das calças e fechou os olhos, recorrendo à sua habilidade. Ele era um cavaleiro negro Empatico, sendo capaz de perceber e mexer com emoções. Alex e Caleb estavam irritados.

— Venho já. — Tai levantou-se, passou por Oliver que estava sentado a ler. *Alex, Alex...* lamentou Oliver.

Ele acompanhou Tai com as mãos enfiadas nos bolsos das calças e o livro debaixo do braço.

— O que estavas a fazer? — perguntou Tai a Oliver, vendo-o com um ar suspeito, já longe de Diogo.

— Estava a tentar detetar alguma aura. — Tai escondeu o riso com a mão. — Eu vou conseguir! — ripostou, irritado.

Oliver era um cavaleiro negro Ómega. Uma das suas habilidades era ver através das auras das pessoas se eram nugacitys ou aliumis. Mas Oliver tinha dificuldade em usar a sua pedra no Reino dos Nugacitys. Alex e Tai riam-se dele, diziam que até uma criança conseguia.

— Depois das aulas, temos de nos encontrar com o Mike. Ele convocou-nos — disse Caleb a Alex. Oliver e Tai ouviram o recado.

— Quando estiveste com ele? — Oliver falou sem perceber o contexto da conversa.

— Que pergunta pateta é essa, pá? Já te esqueceste que eu e o Caleb moramos com ele? — lembrou Tai.

— O Mike quer conversar connosco. — Caleb falou para o grupo. — Estamos aqui com um objetivo muito específico, apesar do Alex ter-se esquecido.

— Ah, não. Eu não me esqueci — afirmou Alex, divertido. — É só que... — Deu uma última passa antes de atirar o cigarro para o chão e o apagar com a sapatilha desgastada. — Gosto de cá estar, tem cada miúda mais gira...

— Sabes o que acontece se o Mike descobrir que o andas a evitar — cortou Caleb, depois continuou num tom calmo para Oliver e Tai. — Surgiram novas pistas, e o Mike quer comunicá-las.

Caleb esforçava-se para esconder os seus sentimentos dos amigos. Ele não os queria preocupar, mas Tai sabia quando ele estava nervoso, mesmo sem recorrer à sua habilidade de ler emoções. Como agora, ao coçar o antebraço, um gesto habitual, Caleb mostrava o seu desconforto com a situação ou alguma preocupação latente.

— Estás bem? — perguntou Tai.

Caleb olhou para ele, perdido. Percebeu que coçava o braço e parou imediatamente.

— Estava só a pensar num... estava só perdido nos meus pensamentos.

— Deu para perceber. — Tai não insistiu, respeitando o espaço dele. — Já agora, parabéns!

— Fazes anos? — perguntou Oliver. Caleb sorriu afetado. — Desculpa. — Oliver coçou a testa, atrapalhado. — Parabéns!

— Obrigado!

Alex continuou a falar sobre o seu ótimo verão para provocar Caleb. Adorava aborrecer o irmão e sabia que, se Caleb fizesse queixinhas, Mike ficaria fora de si. Após terminar o ano letivo, optou por ficar em casa da família de Oliver. A mãe de Oliver era amiga de longa data de Mike. Desde a infância que os quatro amigos alternavam as suas estadias entre a casa dos pais de Oliver e de Mike. E, apesar do pai de Oliver não concordar com a presença de Alex, a mãe procurava atenuar a situação, mediando entre o marido, Mike e os rapazes.

Tai chegou-se perto de Alex e sussurrou:

— Podias facilitar, pá. O Caleb está sempre a proteger-te quando o Mike pergunta por ti.

Alex libertou um pesado suspiro.

— Tudo bem. Hoje, eu apareço — concordou Alex, por fim. — Oliver, vens connosco?

— Podem contar comigo. — Oliver mostrou-se animado. — Encontramo-nos no lugar do costume?

Os rapazes anuíram. Caleb era o único dos quatro que já não frequentava o secundário. Estava no primeiro ano de Filosofia, na Faculdade de Letras do Porto. Alex também deveria estar na faculdade, mas, como lhe faltavam algumas disciplinas, dividia o seu tempo entre o emprego no bar, o *surf* e as disciplinas às quais era obrigado a comparecer. Detestava a escola e tudo o que envolvesse regras. Além disso, não via razão para a frequentar. O que ele precisava de saber, não aprenderia ali.

— Agora que o Caleb se foi, vou indo. — Alex enfiou o capacete.

— Vamos ter aulas com a Ritinha e não com o professor Bruno — lembrou

Tai. — Não devias faltar, pá. Sabes que ela marca os alunos — aconselhava-o enquanto subia as meias brancas com duas riscas que lhe ficavam acima do tornozelo.

Alex encolheu os ombros, ligou a moto e acelerou, levantando poeira. Oliver tossia enquanto tentava afastar a poeira da sua frente.

— Vamos precisar de manter a conversa entre o Alex e o Mike calma. — Tai suspirou, preocupado.

— Eles são irmãos, o que pode acontecer de mal? — Oliver não estava preocupado com uma briga entre irmãos. — E tu és um Empatico, usa a tua habilidade para os acalmar.

— Mantém esse espírito, pá. — Tai atravessou o portão da escola para o jardim. — Vamos precisar dele mais logo.

Diogo esperava-os junto à entrada do edifício com um ar sonhador.

— O Alex é a minha inspiração. Eu quero ser como ele, mano — disse Diogo a Tai. Alex era tudo o que ele sonhava ser: popular entre as raparigas e rebelde para com os professores.

Tai deu-lhe um cachaço.

— Au! — Diogo massajou a nuca.



Novo Rosto



Annie segurava o peso da cabeça entre as mãos enquanto esperava Oliver entrar na sala. Maria continuava num *loop* de pensamentos sobre o pai. Já Tai e Diogo pareciam dois marceneiros e com o compasso faziam desenhos na mesa.

— Mano.

— Já sei. — Tai continuava a esboçar com precisão sem olhar para Diogo.

— São as maminhas da Isabel.

— Como sabes? — Diogo espantou-se, o cabelo negro cobria-lhe os olhos.

Tai apontou para o canto da mesa do lado de Diogo.

— Não desenhas outra coisa!

Diogo riu e continuou a desenhar. Tai suspirou, mas não conseguiu segurar o riso. Ele levantou o olhar quando percebeu que a sala estava em silêncio. A professora já estava na sala? Não podia ser, já que ela normalmente gritava para anunciar a sua chegada. Mas as conversas cessavam à medida que os alunos reparavam numa figura desconhecida na entrada da sala.

Uma nova colega. Tai recordou a conversa com os amigos, em que Caleb mencionou novas pistas. Teria a nova colega relação com a herdeira ou com as protetoras?

— Olha! — Apontou Nádía, sem se preocupar se era ouvida. — É a esquisita de que eu te falei.

Sirena fechou o seu espelho, que usava para retocar o batom, para a analisar. Parada na porta da sala, uma rapariga encarava os rostos curiosos. O silêncio ia sendo quebrado à medida que os burburinhos se instalavam. Comentavam o seu longo cabelo cobreado e ondulado, com a raiz da cor natural castanho-escuro a surgir. Ninguém tinha o cabelo tingido, sendo mais uma razão para a considerarem estranha. Incomodada com a quantidade de olhares inquisidores e os sussurros sobre o seu cabelo, ela lançou um olhar furioso aos colegas.

— De certeza que nenhuma escova passa naquele cabelo.

Ouviu de relance.

— Por que está ela a usar luvas com este calor?

A rapariga escondeu as mãos nos bolsos do casaco de ganga preto.

Oliver entrou bruscamente, esbarrando nela. Conseguiu agarrar-lhe no braço antes que ela sentisse a dureza do chão e puxou-a. A nova aluna tentava recuperar o equilíbrio, enquanto Oliver se desculpava, atrapalhado.

— Desculpa, não te vi.

A rapariga fuzilou-o com o seu olhar, como se deitasse faíscas, e virou costas à procura de um lugar vago para se sentar.

Oliver levantou o sobrolho, confuso. As raparigas daquela turma pareciam ter um problema com ele. Sirena ignorava-o, Nádía e Isabel riam-se à sua custa, e agora, a nova rapariga, que deveria aceitar as suas desculpas, quase que o matou com o olhar. Oliver pousou a sua mochila na sua mesa e encaminhou-se para Tai.

— Algo se passa — sussurrou.

— Lamento, mano. — Tai encarou-o sério. — Mas a tua cara não é algo que possas resolver.

Diogo desatou a rir. Oliver lançou um olhar irritado a Diogo, mas, pelo seu ar sonhador, percebeu que estava absorto da conversa. Devolveu a sua atenção para Tai, expondo a sua inquietação. Abriu a boca para se defender, mas a voz estridente da professora Rita a mandá-lo sentar interrompeu o seu momento de fúria, e saltou para o seu lugar na primeira fila. A professora Rita virou costas para escrever no quadro preto. O barulho do giz a riscar encobria qualquer barulho, e Sirena estava demasiado interessada na nova rapariga para esperar pelo intervalo.

— Quem é ela? — sussurrou Sirena para Nádía.

— Os pais dela moram na mansão que costumávamos fingir ter espíritos — explicou Nádía entre dentes.

— Aquela ao fundo da minha rua? — inquiriu, surpreendida.

— Sim. São muito esquisitos. Sempre com tudo fechado, nunca ninguém os vê. Nem sabia que eles tinham uma filha. Só soube porque vi o apelido Braun na lista, e associei-o à família dos esquisitos.

Nádía era tão popular como Sirena, mas menos atraente aos olhos dos rapazes. Baixa e magricela, com o rosto cheio de sardas e o cabelo loiro pelos ombros, liso e fino, sem volume, com um corte à tigela. Com os seus olhos arregalados da cor ónix, encarava a nova rapariga sem disfarçar.

— Matilde Braun! — gritou a professora, sublinhando duas vezes o nome no quadro. — A vossa nova colega é alemã, mas fala português — explicou. — Agora, como fiz o ano passado em relação à vossa colega Sirena Salvatore, este ano, outros dois alunos ficarão encarregues de esclarecer todas as dúvidas à vossa nova colega. Alguém se voluntaria? — Ninguém levantou o braço. — Muito bem. Anita e Maria.

Elas ficaram confusas com a nomeação. Era costume serem escolhidos os favoritos, como Isabel e Oliver.

— Vão dar-se bem — comentou a professora. — A Matilde é mediana como tu, Maria. — Maria cruzou os braços, ofendida. — E a Anita é excelente a português. Será uma ótima ajuda. — Virou-se para Matilde que estava encostada à parede do fundo. — Sente-se ali, quem costuma estar nessa mesa parece querer reprovar de novo.

A professora Rita iniciou a aula. Maria continuava a observá-la, chateada.

— A professora Rita não o disse com maldade — desculpou Annie com meiguice. Maria inclinou a cabeça para ela, expressando a sua descrença.

Matilde sentou-se na mesa ao lado da delas, na fila central. Enquanto tirava da mochila o caderno preto, percebeu que uma das colegas tentava falar com ela e olhou na sua direção. Nádía gesticulava com a boca: *vou desmascarar a tua família*. Matilde encarava-a, confusa.

— Ela está a usar luvas com este calor. É doente — cuspiu Nádía, falando com Sirena. Tai inclinou a sua cadeira para a frente e apoiou-se nos cotovelos, ficando próximo de Nádía e Sirena.

— Podem calar-se? Estou a tentar ouvir a aula.

Elas reviraram os olhos ao mesmo tempo e Sirena respirou fundo, ao passo que Nádía rasgou uma folha da sua sebenta. Depois, dividiu-a em pedaços mais pequenos, mastigou-os, e, com uma caneta sem o tubo de tinta, virou-se para cuspir uma bola de papel.

— Sua badalhoca! — Tai limpou o rosto. — A tua mãe não te deu educação? — Sorriu ao ver Nádía irritar-se. A cadeira dela bateu na mesa dele no momento que o tentou alcançar com as mãos. — Calma, estava a brincar — disse raspando a sua cadeira no chão para se afastar.

— Meninos! — O grito agudo da professora fez os alunos estremecerem. — Rua! — Tai sorria enquanto se levantava e a professora reparou no seu ar feliz, e corrigindo logo a seguir: — Esperem no corredor!

Nádía e Tai saíam, dando encontrões um no outro. Nádía olhava-o de forma maldosa, como se congeminasse um plano; já Tai sorria, descontraído. Oliver censurou a atitude de Tai com o olhar, quando eles passaram diante de si.

— Adoro os castigos da Ritinha. — Tai sentou-se no corredor de frente para Nádía que continuava a encará-lo com desdém. — O nosso castigo é não a ouvir? Não é *top*?

Nádía mordeu o lábio para não responder, mas continuou a encará-lo com um ar colérico.

Annie não conseguia concentrar-se totalmente na aula. A situação entre Nádía e Tai tinha piorado a sua atenção, mas o que lhe causava a falta de foco era a nova colega, que usava luvas enquanto escrevia. Ela não era capaz de escrever de luvas e admirou-se com essa habilidade. Mas havia mais. Ela tinha um estilo único: vestia uma camisa de xadrez, duas vezes maior do que o seu tamanho, a cobrir-lhe o corpo até aos joelhos. Calçava coturnos com cordões, e acima do tornozelo, desvendava-se os *collants* pretos e opacos. O cabelo cobreado escondia grande parte do rosto. Tinha um tom amarelado comparado com o de Annie, que lembrava a porcelana.

Mas Annie não podia passar a aula toda distraída. Uma vez que se culpava se o fizesse. Devolveu a sua atenção à aula, escrevendo rapidamente o que a professora dizia. Entre Oliver e Annie, a professora obtinha as respostas. De vez em quando, a professora interrompia a aula e falava com Matilde, para se certificar de que estava a acompanhar a matéria. No final, Nádía e Tai foram castigados, sendo obrigados a fazer um trabalho em conjunto acerca de uma obra literária portuguesa à sua escolha.



— Lá está o malcheiroso. — Nádía continuava chateada, mesmo depois das horas que tinham passado. Tai e Oliver saíam apressados da escola. — Sinceramente, Sirena, não sei como conseguiste namorar com aquele rafeiro. — Fez uma expressão enjoada, a mão a tapar a boca como se fosse vomitar.

— Está calada, Nádía — barafustou, Sirena. — Alguma vez namoraste? — Confrontou, sem dar espaço para uma resposta. — Claro que não, ninguém olharia para ti. — Empinou o nariz e continuou a andar.

Maria e Annie riram depois de passar por elas no corredor. Maria também não percebia como Tai, que era divertido e boa pessoa, podia ter-se interessado por Sirena. Já Annie não concordava, pois a seus olhos, Sirena era linda e podia conquistar qualquer um.

Junto ao portão da escola, viram Sabrina encostada a deliciar-se com o sol. Sabrina acenou assim que as viu e pediu-lhes que apressassem o passo com as mãos. Quando elas pararam à sua frente, desatou a falar do seu dia. No entanto, a conversa foi mais rápida do que esperavam, retendo apenas uma informação: aulas são uma seca na mesma e nada de novo, só mais trabalho.

— Prontas para ir à festa? — Sabrina mudou de assunto repentinamente. A sua energia era contagiante quando o assunto era festa.

— Ah! Foi por isso que despachaste a conversa da faculdade — referiu Maria num tom de brincadeira.

— Ah! E tu estás a mencionar isso para te esquivares da minha pergunta. — Sabrina sorriu, vitoriosa. — Não vou aceitar um não, e vocês precisam de saber como os meus novos colegas são espetaculares. É das poucas coisas boas.

Annie preferia voltar para casa e começar imediatamente a estudar. O último ano do secundário seria mais exigente; no entanto, não conseguia dizer que não e acabou por aceitar. Maria também não estava com vontade de ir, abalada com a perda do pai. Festejar o verão apenas acentuaria mais a sua dor.

— Vai haver uma festa? — Annie e Maria voltaram-se para ver quem falava. Matilde segurava o folheto a anunciar o evento, mantendo-o virado para elas.

— Sim... — disse Annie, timidamente.

Maria cruzou os braços, impaciente. A encomenda que a professora Rita lhes entregou trazia sarilhos. Qualquer tentativa de fuga das mãos de Sabrina agora seria em vão.

— Posso ir com vocês? — perguntou Matilde sem demoras, com um sorriso de orelha a orelha, deixando Annie ainda mais acanhada.

Annie sorriu. Maria suspirou, pensando em como não ia ter a paz desejada.

— Já agora, chamo-me Matilde Braun — disse, olhando para Sabrina.

— Eu sou a Sabrina Martins — respondeu em tom alegre. — Então, vocês estão na mesma turma? — Matilde anuiu. Sabrina desviou o olhar na direção das mãos dela, reparando nas luvas, mas não lhes deu importância. Olhou-a nos olhos com um grande sorriso. — Boa! Vamos para a festa. — Abraçou Matilde pelos ombros. — Rumo à praia dos Ingleses! — disse, imitando um pirata.



Premonição



Um dos quartos do castelo de Lumina encontrava-se praticamente revestido de unicórnios, começando no papel de parede e terminando na vasta família de peluches, que se amontoavam nos cantos. No meio da cama larga, o cabelo rosa como algodão doce cobria a almofada que poderia ser usada por duas pessoas à vontade. Amélie sorria com o seu sonho.

— *Vai haver uma festa?* — perguntou a rapariga com luvas e botas de coturno.

— *Sim...* — respondeu a rapariga com duas tranças.

A rapariga de repas cruzou os braços, impaciente.

— *Posso ir com vocês?* — perguntou a de botas de coturno, com um sorriso de orelha a orelha.

A de tranças sorriu e a de repas suspirou.

— *Já agora, chamo-me...*

Amélie abriu os olhos de repente. Demorou algum tempo a aperceber o conteúdo do sonho, e quando uniu todos os fragmentos e entendeu do que se tratava, um suspiro escapou dos seus lábios. O sonho não lhe tinha dado nomes. Mas, ao perceber que viu com nitidez alguns detalhes, a sua tristeza foi substituída por um entusiasmo eletrizante, e lançou os cobertores para trás.

Ela agarrou a primeira folha que encontrou na secretária branca, esculpida com sóis nas extremidades. A imagem da rapariga de tranças era a mais nítida na sua mente. Para as outras, traçou apenas alguns detalhes, como as botas de coturno e um rosto com repas sobre a testa. Quando terminou, atirou a camisa cumprida de dormir para cima da cama e vestiu um simples vestido de alças do mesmo tom do seu cabelo.

Radiante, Amélie entrou no salão, onde o trono de Lumina era composto por duas cadeiras iguais de mármore, mas com uma linha de cristal a percorrer as arestas. Quando o Sol atingia o ponto mais alto no céu e batia na cúpula de vidro, a sua luz refletia um tom alaranjado na linha de cristal. Quem estivesse sentado no trono parecia ter uma aura divina durante esse momento. Amélie lamentou ter dormido demais, pois tinha perdido o espetáculo naquele dia.

Ela permaneceu imóvel no final do corredor de onde viera, que dava para o salão. Esperava que a rainha terminasse de conversar com o seu pai.

— *A sua estratégia funcionou* — disse a rainha sentada no trono.

Peter, um senhor na casa dos cinquenta, com um bigode curto e fino, assentiu. Amélie esforçava-se para conter o seu entusiasmo, que se desvendava no brilho do seu olhar. Dando pequenos pulos que a levavam para mais perto do trono, o seu pai e a rainha olharam-na. Amélie sorriu para o pai e cumprimentou a rainha numa vénia.

— Carpe Diem², Rainha — disse Amélie e olhou para Peter. — De que estão a falar?

— Micael mordeu o isco. Pensa que encontramos as próximas deusas. — A rainha deu uma gargalhada. Tinha o cabelo loiro, longo e fino, uma aparência elegante, em que os olhos azuis-gelo se destacavam na densidão das pestanas. Peter limpava o monóculo a um pano branco de seda, o cabelo negro tapava-lhe o traço forte do rosto enquanto ouvia a rainha. — O que seria de Lumina sem ti, Peter?

— Faço o que for preciso pela coroa de Lumina. — Peter guardou o monóculo no bolso do blazer e olhou a rainha. — Para vencer um cavaleiro negro Cadunt temos de atingir o seu maior medo e, no caso de Micael, teremos de fazê-lo com tempo.

— Nunca me disseste qual é o seu medo.

— A Rainha já tem muito com o que se preocupar — disse, depois sorriu para a filha. — E parece que a Amélie tem algo a dizer-lhe. Se as senhoras me dão licença, vou cumprir o meu dever. — Curvou-se para a rainha, depois depositou um beijo na testa da filha.

A rainha suportava o peso da sua cabeça na mão, o cotovelo sobre o braço do trono, vendo o seu espião sair do salão. Quando Peter, que protegia a família de Lumina, saiu do seu campo de visão, olhou para Amélie, aborrecida. Porém, quando lhe viu o sorriso nos olhos, inclinou-se para a frente.

— Encontraste-as? — perguntou, ainda que receosa.

Amélie abriu um sorriso luminoso e esticou-lhe o desenho.

— Encontrei protetoras com dons antigos.

— No Reino dos Nugacitys?

Amélie confirmou e a rainha rapidamente alcançou-a para observar o desenho, radiante. Uma das protetoras seria fácil de encontrar. Tinha um ar doce e sereno, e usava duas tranças longas. Nas bordas da folha, estavam desenhadas botas, metade de um rosto com repas, luvas e uma planta parecida com o cato Aloé vera dentro de um vaso em forma de gregas, e uma silhueta negra, que a intrigou.

— Amélie, de que se trata esta silhueta?

² «Carpe Diem»: traduz-se do latim para «aproveita o dia», mas em Alium significa «bom dia».

— Não sei, Rainha. — Colocou-se ao lado da rainha. — Não tinha reparado na sua presença até que comecei a desenhar. Vi as protetoras no meu sonho, mas só vi a planta e a silhueta enquanto tentava lembrar-me do rosto delas.

— Este símbolo... — A rainha arregalou os olhos quando o reconheceu. — É de um dos clãs de Nimue — divagou, depois demorou-se na silhueta negra. Olhou para Amélie e falou num tom sério. — Se voltares a sonhar com esta silhueta, avisa-me. — Guardou o desenho no bolso do vestido. — Por agora, preocupamo-nos em reunir as protetoras.